

'País' 20.6.84

Em conferência de Imprensa (acidentada) em Lisboa

# Resistência Nacional Moçambicana anuncia operação «Cacimbo Ardente»

«POR INDICAÇÃO do Ministério da Administração Interna deve ser impedida a realização da conferência de Imprensa de elementos contrários ao governo da República Popular de Moçambique» — era mais ou menos nestes termos que estava redigida a fotocópia de um despacho policial, obedecendo a «ordens superiores», que veio interromper o encontro que decorria com os jornalistas e promovido pela Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Mais uma vez se provou que a liberdade de expressão e a liberdade de informação são coisas muito difíceis de conseguir, mesmo num país que se afirma democrático.

No decorrer da «conferência de Imprensa possível», o delegado da RENAMO para a Euro-

pa fez saber que 16 mil homens se encontram actualmente empenhados numa vasta acção ofensiva denominada «Cacimbo Ardente» e que «se faz sentir em dez províncias». Numa «operação que antecede a operação final», o seu objectivo principal é «apertar o cerco à capital, infiltrar elementos no seio da FRELIMO e atacar e destruir os aquartelamentos governamentais».

### Samora: «lacaio dos sul-africanos»

Segundo Jorge Ribeiro, houve recentemente «negociações entre as cúpulas moçambicanas e elementos da RENAMO num país

próximo de Moçambique». No entanto, para os elementos que integram a Resistência Nacional Moçambicana, o governo de Samora Machel é classificado de «vassalo e moleque da África do Sul», ao mesmo tempo que o regime da FRELIMO é acusado de «despótico e desumano» e Samora Machel é apontado como «um lacaio dos sul-africanos».

O «bom entendimento» que está a ser tentado entre os dois países foi precisamente uma das questões referidas pelo delegado da RENAMO que considerou que se está a criar uma «dependência económica da África do Sul em relação a Moçambique», salientada aliás pelo facto de Piether Botha ter já considerado Maputo como «um porto natural

da África do Sul».

Recorde-se que ainda recentemente, no decorrer da sua digressão pela Europa, o primeiro-ministro sul-africano afirmou que os ataques da RENAMO são considerados pelo seu governo como um problema muito importante e directamente ligado à segurança do seu país, tendo sido até garantida a protecção, no aspecto logístico, a Cabora Bassa, nos termos aliás do acordo de Incomati que para a RENAMO «não se prevê tenha resultados positivos».

### Cabora Bassa e cooperantes ameaçados

Na realidade, aquele movi-

mento anti-governamental fez já saber por diversas vezes que «Cabora Bassa só funcionará com o acordo da RENAMO» e a situação terá tendência a piorar com o anunciado «aumento da intensidade da guerra», em consequência directa da operação «Cacimbo Ardente» que se prevê «decorrerá durante três a quatro meses».

A esse respeito, o delegado para a Europa da Resistência Nacional Moçambicana deixou bem claro que o pessoal civil «será considerado alvo militar sempre que integre colunas governamentais». O aviso foi aliás explícito: «não queremos estrangeiros em Moçambique, estes não devem deslocar-se em nenhuma via de circulação e não nos

responsabilizamos pelos resultados».

É de referir que neste momento se encontram em poder das forças rebeldes, para além de dois soviéticos, um cidadão do Sri Lanka e ainda três pessoas cuja nacionalidades não foi referida, muito embora tenha sido precisado que duas delas foram capturadas no Sul e a restante no Centro, não estando posta de parte a possibilidade de algum deles ser de nacionalidade portuguesa.

Em jeito de apontamento final, restará salientar que apesar da vontade «censora» manifestada pelo governo, a liberdade de expressão e de informação acabou por vingar.

José Alberto Soares